



O PROFESSOR GONCHAROV NÃO VEM MAIS

ANA MATIAS

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

ammatias@ualg.pt

O professor Vladimir Vladimirovich Goncharov, discreto professor russo de Análise Matemática da Universidade de Évora, faleceu em novembro de 2017. Apenas uma dúzia de pessoas no mundo dominariam todas as áreas abordadas nos seus trabalhos científicos. Esta homenagem evidencia as suas qualidades científicas, enquadradas num percurso da sua vida pessoal orientado pela generosidade, a honestidade e a sensibilidade.

Nada mais do que uma caneta e um papel sobre uma secretária nua no gabinete 250, do Colégio Luís António Verney da Universidade de Évora. Num dia de novembro mais quente do que o costume, impôs-se um silêncio pesado. Hoje, o professor Goncharov não vem. É o que se diz nos corredores e está quase certo. Vladimir Vladimirovich Goncharov, o discreto professor russo de Análise Matemática, não vem mais.

Entre o seu último dia de vida e o primeiro, distam um continente, uma cultura, um regime, uma forma de estar.

O pequeno Volodya nasceu a 9 de julho de 1962 em Irkutsk, na Sibéria, ex-URSS. Filho único de um advogado e de uma geógrafa, desde pequeno começou a ler livros de várias matérias de matemática. Os pais não entendiam bem o seu entusiasmo, mas não interferiram. Com 13, 14 anos, Volodya já conhecia os grandes matemáticos do mundo e era um entusiasta da teoria de números e outros temas científicos impercetíveis para os seus pais.

Nessa altura, em Irkutsk houve uma escola de verão de física e matemática, que frequentou com prazer e que selou definitivamente o seu rumo para a matemática. Volodya terminou o liceu e a universidade com resultados excelentes. “Queria ser professor de escola. Mesmo quando se licenciou, quis voltar à sua escola N.º 11 de Irkutsk para ensinar matemática a crianças”, lembra a sua mãe.

Dado o seu bom desempenho durante a licenciatura, o prestigiado professor Tolstogov Alexander Alexandrovich, convidou Volodya para fazer consigo uma pós-graduação. O ensino de matemática a crianças estava irremediavel-

mente perdido. O percurso académico de Vladimir foi impecável. Meses antes de completar 30 anos, acabou o seu Doutoramento em Equações Diferenciais e Física Matemática.

Por essa altura tornou-se diretor do Laboratório de Inclusões Diferenciais e Otimização de Irkutsk. Estava no topo do seu percurso académico, a fazer investigação em áreas de ponta, mas Vladimir queria mais. Da Sibéria ainda fechada e conservadora da década de 90, Vladimir desejava uma abertura que a Rússia não lhe dava.

Recebeu um convite de colegas do prestigiado SISSA (Scuola Internazionale Superiore di Studi Avanzati), em Trieste (Itália) em 1990, onde regressaria com bolsas de investigação novamente em 1993 e entre 1997 e 1999. Trabalhou sob orientação de Arrigo Cellina e conheceu colegas como Giovanni Colombo, com quem manteve uma duradoura parceria. “Volodya tinha ideias matemáticas muito boas que levaram a alguns dos resultados da minha carreira de que mais gosto”, refere Giovanni Colombo. “Era um matemático com uma formação sólida, com um gosto aristocrático. Trabalhar e escrever com ele era uma experiência difícil, estimulante e interessante.”

Em Itália conheceu também António Ornelas, diretor do Departamento de Matemática da Universidade de Évora e responsável pela sua vinda para Portugal. Em 2000, Goncharov tornou-se professor na Universidade de Évora.

ERA RIGOROSO E PERFECCIONISTA, COMO A SUA EDUCAÇÃO RUSSA IMPUNHA

Vladimir tinha um prazer intelectual e emocional na discussão científica. “Ele ria e chorava a falar de matemática”, lembra Telma Santos, colega e sua antiga aluna de doutoramento. Telma Santos tem na mão muitas anotações, fruto das intensas e prazerosas horas a fio passadas com Vladimir a discutir matemática.

Rigoroso e perfeccionista, como a sua educação russa impunha, era preocupado com a qualidade das demonstrações matemáticas, o que levava a algumas dores de cabeça e a uma pontinha de desespero dos seus alunos.

Começou por dar as quatro disciplinas de Análise Matemática para o curso de Matemática, mas depois deu também as Análises para vários cursos de Engenharia e Ciências da Terra e da Atmosfera, Estatística e Seminário – uma disciplina de Doutoramento. Estas disciplinas são por si só difíceis para os alunos, ainda mais com um professor com uma preocupação obstinada pelo formalismo.

Como professor, munia-se de “umas folhinhas nas quais redigia um verdadeiro guião cinematográfico, iniciando sempre com ‘Bom dia’ ou ‘Boa tarde, hoje vamos falar



1. Volodya com 7 anos, no primeiro ano de escola, em 1969; **2.** Volodya com 16 anos, no 10º Ano, numa tarde dedicada ao trabalho do poeta Vladimir Mayakovsky. Leram poesia, fizeram textos e falaram acerca da vida do famoso poeta, em 1978; **3.** Cerimónia de graduação na qual Volodya, com quase 17 anos, recebeu o certificado da mão do diretor da escola, em 1979; **4.** Discussão científica com colega durante a conferência “Louisiana Workshop on Mathematical Control Theory”, EUA, em maio de 2007; **5.** Vladimir Goncharov na mesa do “Encontro de Matemática em homenagem a Graça Carita”, em março de 2017.

de...”, comenta Fátima Pereira, ex-aluna de Doutoramento e docente de disciplinas partilhadas com Goncharov. Dessas folhinhas que fez para a disciplina de Mestrado de Análise não Suave, preparava uma sebenta e uma aula que iriam servir para as suas provas de agregação. A sebenta, que estava a crescer desmesuradamente, ainda precisava de uma revisão de português, língua em que fazia questão que fosse feita. O seu português não era muito bom, limitação invulgar para um russo, notavam os colegas de Évora, habituados a professores estrangeiros. Estas dificuldades com a língua acentuavam uma certa timidez, mal confundida com distância para com alunos e colegas.

“Vladimir era um grande amigo, um amigo fantástico, foi de uma grande generosidade e ajudou-me na minha viagem à Sibéria”, lembra Dulce Gomes, colega do departamento, com contida emoção.

A generosidade de Vladimir foi também canalizada para o Gabinete de Apoio ao Emigrante da Cáritas Diocesana,

onde facilitou a comunicação entre os emigrantes do Leste Europeu e os professores de Português para estrangeiros. Neste gabinete conheceu, em 2001, Custódia Casanova, que veio a ser como uma segunda mãe para Vladimir, acolhendoo na sua família e na sua casa para celebrar as festividades.

Em conjunto com Custódia, trabalhou voluntariamente nesta organização para ajudar os emigrantes no seu processo de integração, de equivalências pedagógicas e outros processos administrativos. Vladimir sabia, por experiência própria, as dificuldades por que passam os emigrantes nos procedimentos homéricos de mudança de país.

A RÚSSIA ESTEVE SEMPRE PRESENTE

“Este ano não haverá uma árvore de Natal gigante em casa de Vladimir. Não era uma árvore qualquer”, afirma Custódia com tristeza. A árvore de Volodya lembrava a d’O *Quebra-Nozes* que guardava na sua memória, decorada ao estilo russo, com pequenos brinquedos, cúpulas e outros detalhes

de uma riqueza e de uma diversidade muito apreciadas pelos amigos.

Volodya tinha adquirido o filme animado d'O *Quebra-Nozes* para divertir os filhos dos amigos em jantares lá em casa. “Quando Volodya nos recebeu, pôs o filme para as nossas meninas. Ele gostava de crianças e uma das nossas meninas tinha uma idade próxima da do filho de Volodya”, lembra Cláudia, sua amiga.

O afastamento de Vladimir da Rússia era físico, mas a sua alma estava indelevelmente marcada pela cultura e pela tradição russas. Celebrava a Páscoa com Custódia, ou o Natal, ou o magusto, mas celebrava também a Páscoa ortodoxa e continuava apaixonado pelo Lago Baikal, pelos escritores clássicos e pela poderosa música dos compositores que ouvira durante a sua educação na Sibéria. Giovanni Colombo recorda o disco oferecido por Volodya do baixo de ópera Fedor Chaliapin e a leitura de um trecho de “Crime e Castigo” feita em russo por Volodya para mostrar a música da escrita de Dostoiévski.

Apenas uma dúzia de pessoas no mundo dominariam todas as áreas abordadas nos seus trabalhos científicos. A sua área de especialização era Equações Diferenciais e a Otimização, com interesse em Análise Multívoca, não Suave, não Linear, Inclusões Diferenciais, Cálculo de Variações e Controlo Ótimo. Encontrava-se a desenvolver atividades nas áreas de Análise Convexa, Problemas do Tempo Mínimo, Soluções Viscosas e Processos Estocásticos. Era coordenador do grupo de Equações Diferenciais e Otimização do centro de investigação CIMA (Centro de Investigação em Matemática e Aplicações) da Universidade de Évora. Foi autor de 27 artigos em revistas internacionais, como a *Nonlinear Analysis*, *Set-Valued Analysis*, *Convex Analysis*, *Nonlinear Differential Equations and Topological Methods in Nonlinear Analysis*. Os seus últimos dois artigos foram *Vector variational problem with knitting boundary conditions*, resultado da sua cooperação com Graça Carita e Georgi Smirnov e *Strong and weak convexity of closed sets in a Hilbert space* numa colaboração com Grigori E. Ivanov.

ESTE ANO NÃO HAVERÁ O BOLO DE BOLACHA DO GONCHAROV

O desaparecimento de Graça Carita foi um duro golpe na sua vida profissional e pessoal. Tinha encontrado alguém que o espicava. Graça era explosiva, obrigava-o a estar na Universidade e a trabalhar mais depressa. “Trabalhavam bem juntos, complementavam-se”, afirma Dulce Gomes. Vladimir foi mentor do “Encontro de Matemática em homenagem a Graça Carita”, que o departamento organizou nos

dias 3 e 4 de março de 2017.

Este ano não haverá o bolo de bolacha do Goncharov na festa de Natal do departamento. “Era um bolo excepcional”, refere Clara Grácio. O bolo demorava um dia a preparar, mas as iguarias laboriosas não demoviam Goncharov. Receber os amigos com um banquete de comida russa, impecável e minuciosamente apresentada, era um prazer para si. “Cada vez que fazia anos, convidava amigos e servia-lhes uma bebida nuns copinhos pequeninos muito antigos, de pé alto, com umas colherinhas que tinham sido da avó. Ele gostava muito destes objetos”, acrescenta Dulce Gomes.

A personagem central da sua vida era a mãe, Nadezhda Mikhailovna, com quem tinha uma relação muito próxima. Passavam sempre férias juntos e viajavam. Em viagem, conversavam, observavam, trocavam graçolas e brincadeiras como crianças, como dois amigos de longa data.

“Hoje, 7 de novembro de 2017, dia centenário da Revolução de Outubro, perdemos o Vladimir”, anunciou Rui Albuquerque, seu colega de departamento, com quem escreveu uma proposta ainda em avaliação. “Nós perdemos muito. A Universidade perdeu muito”, diz Fátima Pereira, que dependia cientificamente de Vladimir. Dizia que estava a trabalhar com Giovanni no problema do século. Resolveria problemas matemáticos enquanto andava, sempre a pé, pelas ruas de Évora ou enquanto plantava mais uma aromática no jardim da casa nova? A casa nova era o seu refúgio: alterando-a a seu gosto, lançava as suas raízes em Portugal. Casa que o viu trabalhar no escritório arrumado, cenário de avanços matemáticos, e que o viu morrer quando o generoso coração lhe falhou.

Marina Averyanova recorda o amigo de infância como “um homem incrivelmente inteligente, honesto e decente. Um romântico na alma, capaz de apreciar a amizade e de amar a vida”. Ainda este outono estiveram com colegas na dacha de Marina. Toda a gente adorava Volodya pela sua sinceridade, a sua gentileza e a generosidade da sua alma. Juntos viajaram em 2016 para Roma, Corfu e Atenas. No próximo verão, iriam para Espanha.

Não irão para Espanha, nem viajarão mais juntos. Vladimir Goncharov permanecerá em Irkutsk, ao lado do seu pai.

SOBRE O AUTOR

Ana Matias é Investigadora Auxiliar do CIMA (Centro de Investigação Marinha e Ambiental) da Universidade do Algarve. Licenciada em Geologia (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa), Mestre em Estudos Marinhos e Costeiros e Doutorada em Geologia Marinha (Universidade do Algarve) e Mestranda em Comunicação de Ciência (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).